



6º SBECE EDUCAÇÃO,
3º SIECE TRANSGRESSÕES,
NARCISISMO

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM *GABRIELA CRAVO E CANELA* E POSSÍVEIS CAMINHOS PARA SE PENSAR A CONDIÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE¹

Daniele Ribeiro de Faria² – UFLA

Vanderlei Barbosa³ – UFLA

O presente trabalho busca, sob o enfoque nas questões de gênero, examinar como se dá a representação das personagens femininas no romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, publicado pela primeira vez em 1958. Na verdade, trata-se de uma pesquisa em andamento no Programa de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal de Lavras e tem como objetivo pensar a questão da sexualidade e o papel social da mulher na obra literária, em específico, no romance amadiano. Uma vez inserido no contexto escolar através da mediação do/a professor/a, sua obra pode suscitar algumas reflexões no modo de pensar a diferença entre os sexos e como a condição feminina na época em que se passa a narrativa ecoa na sociedade atual.

Muito se tem debatido sobre o que é ser mulher e o seu papel na sociedade. A partir dessas questões, vários discursos enraizados em normas e valores cultuados socialmente ao longo dos séculos são reproduzidos ainda nos dias de hoje, contribuindo assim para a manutenção de “verdades” que são tidas como absolutas e acabadas. Também a literatura é propagadora de certos discursos, acabando por reforçar, por exemplo, alguns estereótipos e discriminações de gênero. Por isso, reconhecemos a forte ligação entre literatura e sociedade, considerando aquela como representação ficcional da realidade, ou seja, os fatores socioculturais são bastante incorporados na estrutura de uma obra.

Podemos verificar no romance em questão que as atribuições de diferentes “tipos” de mulher são pré-definidas por uma sociedade patriarcal que dita os comportamentos femininos através de repressões, códigos e tabus. Por outro lado, mulheres que assumem suas próprias vontades e buscam independência nas suas decisões rompendo assim com as normas sociais vigentes são consideradas como transgressoras, imorais, passíveis de sofrer sanções e, em

¹ Este projeto de pesquisa conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFLA. Membro do grupo “Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente” (FESEX).

³ Professor da disciplina História Social da Docência e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFLA. Membro do grupo “Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente” (FESEX).



casos extremos, a aplicação da “lei cruel”, ou seja, a morte, como é o caso de D. Sinhazinha ao ser descoberta em sua prática de adultério.

Vários questionamentos podem ser levantados a respeito da literatura e dos papéis atribuídos à mulher. Interessa-nos aqui analisar como as personagens são construídas e representadas no romance de Jorge Amado, além de identificar na obra as estruturas patriarcais dominantes onde se dá as relações de poder uma vez que, tal como acontece na sociedade, a literatura também reafirma a posição inferior da mulher em relação ao homem, reforçando estereótipos da imagem feminina.

Também buscamos compreender quais imagens do feminino ainda são preponderantes no meio social e em especial, na educação contemporânea, quando as obras literárias são trazidas para a sala de aula. Acreditamos que a obra analisada pode oferecer algumas pistas para se pensar a condição da mulher nos dias de hoje. Em suma, a finalidade da pesquisa é pensar a educação a partir da literatura como condição de possibilidade emancipatória.

Como aporte teórico, buscaremos em Bordieu (2009) compreender como a lógica de dominação masculina se instala e se reproduz através dos homens e das instituições, legitimando a visão androcêntrica. Rosana Ribeiro Patrício (1999) também nos oferece um rico material para analisar a representação do feminino nesse romance. Por fim, Guacira Lopes Louro (2012) faz-nos um convite para pensarmos nossa prática enquanto educador/a no sentido de trabalhar as questões de gênero.

Mulheres de Jorge Amado: subserviência e transgressão

Para os/as leitores/as do escritor baiano, fica fácil notar que as personagens femininas são bastantes presentes em sua obra e muitas vezes ocupam posições de destaque na narrativa. Para uma discussão inicial, pretendemos deter apenas em um dos romances amadianos mais célebres: *Gabriela cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*.

O romance, sucesso da crítica e do público, inclusive com algumas adaptações para o cinema e televisão, foi publicado vinte e sete anos depois da primeira obra de Jorge Amado, *O país do carnaval* (1931). Para boa parte dos críticos, essa obra vem apresentar uma fase mais madura do escritor e um divisor de águas em sua carreira como romancista e intelectual. (PATRÍCIO, 1999). Apesar de tratar-se de uma obra de ficção, Jorge Amado conferiu a ela grande importância social ao fazer um retrato da sociedade brasileira e das transformações pela qual ela passava, sobretudo em relação à condição feminina, antes mesmo do movimento



feminista ganhar importância e visibilidade na década de 60, responsável por causar uma verdadeira revolução ao possibilitar às mulheres o direito de escolha e ruptura com a sua condição milenar de dominação.

Em *Gabriela*, mulheres de diferentes classes e origens, além da protagonista, vão delinear os estereótipos femininos da sociedade brasileira daquele tempo. A saber, a narrativa do romance se desenrola na cidade de Ilhéus, sul da Bahia, no ano de 1925, contexto político da República Velha. A cidade é conhecida pelas terras produtoras de cacau e vive um momento de crescimento econômico e efervescência política e cultural, responsáveis por gerar tensões e conflitos nos diferentes grupos de interesses.

Diante desse contexto ficcional, o autor estabelece um jogo de oposições que perpassa toda a trama narrativa: velho/novo, atraso/progresso, tradição/modernidade, velha oligarquia/nova ordem política, passado/futuro. O mercado de cacau em crescente expansão traz novos ares à cidade que vão modificando rapidamente os costumes e hábitos da população ilheense. Se por um lado temos o grupo dos coronéis liderado por Ramiro Bastos que representa a tradição, o conservadorismo, a manutenção da moral e dos bons costumes, do outro lado temos o grupo da oposição composto por membros da nova classe média (comerciantes, funcionários públicos), cujo líder é o exportador de cacau Mundinho Falcão.

Em algumas passagens do livro, parte dos moradores consideram que as transformações que iam ocorrendo na cidade devido ao progresso eram mais um indício de decadência moral, de depravação. O conservador Dr. Maurício Caires assim expressa sua opinião sobre isso: “Tudo isso é resultado da degeneração dos costumes que começa a imperar em nossa terra: bailes e tardes dançantes, festinhas em toda a parte, namorinhos na escuridão dos cinemas. O cinema ensinando como enganar os maridos, uma degradação”. (AMADO, 2008, p. 113).

Como vimos, o Clube Progresso não era considerado um ambiente adequado para moças de família e senhoras casadas. Para o Dr. Mauricio e demais homens que o acompanhavam na conversa, lugar de mulher era no lar, no ambiente privado, doméstico. Sair, apenas na companhia de seus maridos ou para ir à igreja. No entanto, aos homens da cidade era permitido ir a cabarés, a noitadas e festas até altas horas da noite, deitar-se com prostitutas ou manter uma relação estável com as “raparigas”.

Segundo Bordieu (2009), as divisões estabelecidas para homens e mulheres fazem parte da ordem social dominada pelo princípio masculino e este vai sendo reproduzido de forma contínua através dos tempos. Ao homem é destinado então o lado de “fora”, do exterior, do espaço público e do exercício do poder. Quanto à sexualidade, concebe-se como “natural” e



“incontrolável” o desejo sexual masculino. O pensamento do coronel Ramiro Bastos, descrito pelo narrador, também estará imbuída pela visão androcêntrica:

Ele compreendia, aceitava os cabarés, as casas de mulheres da vida, a orgia desenfreada das noites de Ilhéus. Os homens precisavam daquilo, ele também fora jovem. O que não entendia era clube para rapazes e moças conversarem até altas horas, dançarem essas tais danças modernas, ondem até mulheres casadas iam rodopiar em outros braços que não os de seus maridos, uma indecência! Mulher é para viver dentro de casa, cuidando dos filhos e do lar. Moça solteira é para esperar marido, sabendo coser, tocar piano, dirigir a cozinha. (AMADO, 2008, p.74)

Neste trecho, percebemos atribuições claras aos papéis reservados para cada tipo de mulher que compõem a narrativa de Jorge Amado. São as esposas e as filhas pertencentes a famílias tradicionais, as “solteironas”, as “raparigas” e as prostitutas. Embora haja uma divisão de papel para cada uma delas, a hierarquia social alicerçada no regime patriarcal coloca todas elas em uma posição inferior. A reprodução desses papéis é garantida por três instâncias principais: a Família, a Igreja e a Escola. À Família cabia a função de (re)produzir a visão androcêntrica, bem como manter a dominação masculina. Quanto à Igreja, acabava por legitimar a autoridade masculina no seio da família e disseminar o "dogma" da inferioridade das mulheres através da simbólica dos textos sagrados. Por fim, a Escola permaneceu transmitindo a divisão dos papéis para cada gênero, disciplinando homens e mulheres dentro da lógica do sistema patriarcal (BORDIEU, 2009).

Como foi colocado pelo coronel Ramiro Bastos, cabia às mulheres de família os afazeres domésticos, a educação dos filhos e a prática religiosa. Não havia espaço para a representação das mulheres no poder, principalmente na esfera econômica e política. Nas palavras de Patrício: “A posição subalterna da mulher permanece antes e depois do casamento. Enquanto solteiras, devem obediência aos pais e irmãos; quando casadas, passam a dever obediência e obrigações ao marido” (PATRÍCIO, 1999, p.23).

Já as amantes e prostitutas, situadas no mundo do prazer, do carnal e do pecado, ficavam à margem da família e, no entendimento social daquela época, desempenhavam um papel importante para satisfazer os interesses masculinos e ao mesmo tempo, contribuir para manter os valores tradicionais, uma vez que a atividade sexual dentro do matrimônio tinha apenas função procriadora. Era dever da esposa ser recatada dentro do casamento, ser alheia ao prazer, reprimir seus desejos íntimos e eróticos. Ao passo que, para o homem, as relações carnais com outras mulheres eram necessárias para ele suprir seus “impulsos” sexuais, como claro indício de virilidade. Mais uma vez, o jogo das dicotomias se fazem presentes para



legitimar o argumento das diferenças biológicas entre homens e mulheres e consequentemente, justificar a desigualdade social entre os gêneros (LOURO, 2012).

O casamento constitui uma peça central para a efetivação das normas sociais e da perpetuação da dominação masculina. Casar-se era ou deveria ser o principal objetivo de uma mulher para a sua integração na sociedade. As que não conseguem alcançar o matrimônio ficam relegadas à estigmatização social. Na obra amadiana, elas aparecem como as “solteironas”, entre outros termos pejorativos. As duas irmãs, como descritas pelo narrador, tinham mais de cinquenta anos e de “sólida virgindade indiscutida” (AMADO, 2008, p. 60). A virgindade era então marca distintiva das outras mulheres que não foram casadas, era o que lhes conferia respeito, que lhes dava subsídios para que elas fossem verdadeiras guardiãs da moral e dos bons costumes.

Se no romance temos personagens senhoras de famílias, mulheres esposáveis, “solteironas”, “raparigas” e prostitutas, que colaboram com a manutenção do *status quo*, ou seja, do sistema patriarcal, temos também as mulheres consideradas transgressoras, representadas pelas personagens D. Sinhazinha, a jovem Malvina e, de forma mais complexa e ambígua, a protagonista Gabriela.

Com a leitura do romance, percebemos que mulheres são postas constantemente sob vigília e privações. Como dito anteriormente, o lar é por excelência seu local de confinamento, primeiro sob tutela dos pais, e depois aos cuidados do marido. Além da família, outras instituições disciplinares agem no sentido de submeter os corpos às técnicas de vigilância e controle para criar corpos competentes, obedientes e morais, efetivando assim os regimes de poder. A punição servia então para corrigir os indivíduos com comportamentos desviantes que impedia o bom funcionamento da sociedade. Em outras palavras, as pessoas consideradas transgressoras deveriam ser corrigidas e/ou punidas. (FOUCAULT, 2000).

Assim, nos reportamos à personagem D. Sinhazinha, esposa do coronel Jesuíno, membro da alta sociedade ilheense. Conhecida por ser uma mulher bastante devota às práticas religiosas, o que conferia a ela um estatuto de mulher respeitável perante a sociedade, foi descoberta mantendo uma relação amorosa extraconjugal com o dentista Dr. Osmundo Pimentel. O coronel, para lavar a sua honra de “marido traído”, assassinou os amantes. Para Patrício (1999), Sinhazinha representa o exemplo máximo de mulher transgressora dentro da narrativa ao cometer adultério, prática essa que, dentro da narrativa, deveria ser punida com a “lei cruel”, ou seja, a morte. O narrador explica que na cidade de Ilhéus:



6º SBECE EDUCAÇÃO, 3º SIECE TRANSGRESSÕES, NARCISISMO

Não se conhecia outra lei para traição de esposa além de morte violenta. Lei antiga, vinha dos primeiros tempos do cacau, não estava no papel, não constava no código, era no entanto a mais válida das leis e o júri, reunido para decidir da sorte do matador, a confirmava unanimemente, cada vez, como a impô-la sobre a lei escrita mandando condenar quem matava seu semelhante. (AMADO, 2008, p. 107)

Como fica claro, em casos de homicídios motivados pelo adultério feminino, ficava a certeza da impunidade reforçada pela forte adesão e convivência social da época. Havia todo um trabalho de inculcação por meio das estruturas da ordem social dominada pelo princípio masculino (BORDIEU, 2009) que tornava o homicídio aceitável mesmo estando acima da “lei escrita”. Sendo assim, a “lei cruel” era um acordo explícito entre homens e também compartilhada pela maioria das mulheres que acabavam por aplicar para si mesmas as categorias construídas pela lógica masculina, tornando o crime de assassinato algo natural, validado, comum para casos como o de D. Sinhazinha. Afinal, “honra de marido enganado só com sangue podia ser lavada” (AMADO, 2008, p. 107). No entanto, aos homens era livre manter relações com as “raparigas” e frequentar os cabarés, sem que com isso fosse-lhes imputado qualquer penalidade.

Na esfera das personagens consideradas subversivas, encontra-se também Malvina, jovem estudante, filha única do autoritário coronel Melk Tavares e leitora assídua de livros, inclusive aqueles considerados “imorais”, inadequados para moças de família e/ou exclusivos dos homens. Em várias passagens do texto, a jovem mostra-se crítica à condição feminina e tinha aspirações que iam contra o modelo patriarcal, como por exemplo, o desejo manifesto de cursar uma faculdade ou trabalhar fora do lar, práticas essas consideradas uma afronta para a supremacia masculina. Diferente das outras moças do Colégio das Freiras no qual ela estudava, não tinha o casamento como prioridade em sua vida. O narrador assim expõe o pensamento de Malvina:

Dera-se conta da vida das senhoras casadas, igual à da mãe. Sujeitas ao dono. Pior do que freira. Malvina jurava para si mesma que jamais, jamais, nunca jamais se deixaria prender. [...] Marido trazido, escolhido pelo pai, ou noivo mandado pelo destino, era igual. Depois de casada, não fazia diferença. Era o dono, o senhor, a ditar as leis, a ser obedecido. Para eles os direitos, para elas o dever. (AMADO, 2008, p.243)

Teve um namoro rápido com o professor Josué, mas decidira romper a relação por considerá-lo igual a outros homens, de postura tradicional e conservadora. Até que conhece então o engenheiro Rômulo, vindo de fora para trabalhar na construção do Porto de Ilhéus. No entanto, ele já fora casado e isso era considerado uma desonra para a mulher. Melk Tavares, temendo pelo futuro da filha, pressiona o engenheiro para que ele vá embora da cidade sem



dar qualquer satisfação a ela, afastando de uma vez por todas as chances que ela tinha de ir morar longe de Ilhéus, mas então é a partir daí que ela se dá conta que poderia buscar sua liberdade a sós, traçar outro destino e com isso, viver seus próprios desejos, suas vontades, longe das amarras do sistema patriarcal. Ao ser mandada para Bahia para viver em um internato, Malvina elabora em segredo sua fuga. A partir daí, não se tem mais notícias da jovem, o narrador coloca-a em um longo hiato, até que, ao final do romance, tem-se notícias de que Malvina vivia sozinha na grande São Paulo, trabalhando em um escritório e estudando à noite.

Ora, Ilhéus não era seu lugar, ainda não oferecia condições para que a mulher se livrasse das estruturas do patriarcalismo. Malvina não poderia conseguir sua emancipação por dentro, era preciso que o narrador a “expulsasse”, fizesse dela uma fugitiva para ir buscar sua liberdade “por fora”. Era preferível, na narrativa, excluir de seu meio alguém que não se enquadrava nos papéis de gênero que lhe estavam reservados, alguém que não teve seu corpo docilizado, como diria Foucault (2000).

Por último, falamos de Gabriela, protagonista e evidentemente a personagem mais rica e complexa da narrativa, por tudo o que ela representa e evoca para si, tanto como mulher como um projeto do narrador em fazer dela um símbolo da identidade brasileira. No entanto, não é do nosso interesse fazer uma análise com profundidade de todas as nuances de Gabriela e da trama em que ela se envolve, pois isso exigiria um trabalho mais completo e extenso. Por isso, nos apegamos aos pontos principais para compreender o que faz dela uma mulher distinta das demais, transitando entre a subordinação e a transgressão.

No romance, a mestiça Gabriela aparece como retirante do sertão, já assolado pela seca. Sem origem e sem família (ela perdera seu tio durante a longa caminhada até Ilhéus), ela é encontrada pelo Nacib para trabalhar como cozinheira. A partir de então, nasce a história de Nacib e Gabriela numa relação sexual-amorosa à margem da sociedade. Gabriela, retratada sempre pela sua sensualidade que se manifesta no cheiro e na cor (cravo e canela) e suas habilidades culinárias, revela-se como uma “mulher completa”, objeto de cama e mesa, de acordo com o ideal masculino (PATRÍCIO, 1999). Demonstrava também uma inclinação pela liberdade, afastando-se do modelo de mulher esposável: não pertencia a nenhuma família tradicional, não era portadora de nenhum *status* social reconhecido e não levava consigo a castidade.

Ganhando cada vez mais a simpatia dos frequentadores do Bar Vesúvio do árabe Nacib, a mestiça era constantemente requisitada pelo público masculino, vários deles lhes fazendo



propostas, mandando bilhetes ou oferecendo salários mais altos para ela trabalhar como cozinheira. Nacib, temendo pela perda da amante para outro homem, começa a considerar a hipótese do casamento, no entanto, vários fatores eram considerados como entrave para a consumação do mesmo, visto que o árabe estava em ascensão social e Gabriela tinha algumas restrições devido a sua origem, sua cor e sua moral (PATRÍCIO, 1999).

Para resolver, ou ao menos atenuar esses obstáculos, Tônico Bastos, amigo até então mais próximo de Nacib, arruma documentos falsos em seu cartório, inserindo-a oficialmente na sociedade. Agora ela tinha origem, tinha nome, tinha família, era uma cidadã, ainda que apenas no plano das “aparências”. Agora, poderia oficializar o matrimônio com o árabe Nacib e, feito isso, poderia ser chamada de Senhora Saad. Mas ela ainda precisava ser educada de acordo com as normas e padrões sociais vigentes, precisava ser deslocada de sua antiga posição social, despir-se dela mesma, da cozinheira Gabriela que gostava de dançar, de andar de pés descalços, de misturar-se no meio da multidão durante as manifestações populares, para só então se tornar uma “senhora da sociedade”, de bons modos e bons costumes.

Contudo, esse processo de transformação e adaptação ao novo lugar social em que ela fora colocada não foi nada fácil. A protagonista, conforme afirma Patrício (1999), “passa a vivenciar uma condição de duplicidade e insatisfação, frente às exigências do papel de esposa que lhe era cobrado por Nacib” (p.119). O conflito da personagem passou a interferir diretamente no seu comportamento: cada vez mais tristonha, desmotivada e apática diante de seu esposo, até vir a ser descoberta mantendo um envolvimento extraconjugal com Tônico. Diferente da atitude tomada pelo coronel Jesuíno ao aplicar a “lei cruel”, Nacib preferiu-lhe dar uma surra e anular o seu casamento, já que os papéis haviam sido forjados. Dessa forma, era como se o árabe nunca tivesse sido casado, como se ele fosse enganado por Gabriela e por isso, sua honra estava preservada, sem que precisasse matá-la. Nacib apresenta-se então como vítima e a culpa recai inteiramente sobre a mulher, configurando mais um indício claro de “acordo” entre homens para preservarem sua imagem e supremacia masculina.

Gabriela abre mão de ser a esposa Senhora Saad e retorna à condição de amante, sem nada exigir, sem nada questionar. Se não foi punida da mesma forma que Sinhazinha, teve sua morte simbólica decretada enquanto esposa ao revelarem que os documentos eram falsos (PATRÍCIO, 1999). Embora Jorge Amado tenha feito de sua protagonista uma mulher que gostava da liberdade, que não se prendia aos costumes e normas sociais ancoradas nos moldes do patriarcalismo, colocara sua autonomia em segundo plano, ficando seu destino dependente dos interesses masculinos. Apesar do final feliz tanto para Nacib quanto Gabriela, cabe



ressaltar que para isso a protagonista teve que ser reintegrada ao lugar que lhe cabia, ou seja, de cozinheira e amante. Ao mesmo tempo em que ela pode ser considerada uma personagem transgressora por não se sentir realizada enquanto esposa e por se recusar a manter o jogo das “aparências”, Amado demonstra uma certa postura conservadora e alinhada ao princípio da visão dominante quando a coloca de volta ao seu estado de origem e portanto, direcionando o seu desfecho ao sabor dos interesses masculinos.

Voltamos a Bordieu (2009) para compreender o que vem a ser a violência simbólica. Para o pensador, ela é instituída por meio da adesão que o dominado/oprimido concede ao dominante/opressor ainda que de forma não consciente, uma vez que as estruturas de dominação estão inscritas nas coisas e nos corpos através do trabalho de inculcação e incorporação dessa relação de dominação, fazendo com que ela seja vista como natural. E é por meio da representação de várias personagens femininas que vamos percebendo como as forças simbólicas agem nas e pelas relações que se estabelecem na trama narrativa, atribuindo papéis definidos para cada gênero, nos quais o lugar da mulher é o da subordinação e do homem, da dominação.

Educação e literatura: questões atuais

Desde que Jorge Amado publicou a obra *Gabriela cravo e canela*, em 1958 até os dias atuais, muita coisa tem mudado no campo das sexualidades, principalmente após a década de 60 que, com o movimento feminista ganhando força e visibilidade, algumas rupturas tornaram-se evidentes para as questões de gênero, sobretudo no que tange à divisão de papéis sexuais, rompendo as fronteiras entre homem-público e mulher-privado.

De acordo com Arán (2003), se antes a ênfase era dada ao papel reprodutivo das mulheres, justificando assim a sua permanência no ambiente privado, bem como a concepção naturalizada da inferioridade feminina, atualmente observamos um deslocamento do feminino, frustrando assim o projeto de universalizar o modelo de dominação masculina. Vários fatores contribuíram e ainda contribuem para esses deslocamentos, tais como: a entrada da mulher no mercado de trabalho, a crise ao modelo de família burguesa, monogâmica e heterossexual, o acesso das mulheres a uma sexualidade não-reprodutiva através da evolução dos métodos contraceptivos e o aumento da visibilidade homossexual.

No entanto, para Bordieu (2009), apesar de considerar que a hierarquia entre os sexos é passível de modificação, comprovada inclusive pelas profundas modificações ocorridas nas



últimas décadas, ainda vivemos sobre a égide da dominação masculina. Como exemplo, ele cita que, apesar do acesso cada vez mais frequente das mulheres ao ensino básico e superior, as mulheres ainda são minoria nos cargos de autoridade, principalmente nos campos da economia e da política. Ainda no âmbito profissional, além de serem menos remuneradas que os homens, as mulheres são pouco incentivadas para as áreas de ciência e exatas, o que reflete bastante no número pequeno que temos hoje de mulheres cientistas, engenheiras e outras áreas afins, para não falar da sub-representação da mulher na esfera política.

Atualmente, muito se fala em diversidade cultural e ensino, fazendo com que a escola repense suas práticas pedagógicas bem como os aparatos teórico-metodológicos utilizados para sustentar seus planos de ensino. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), há destaque para propostas de um ensino mais plural, apontando a diversidade sexual como um dos temas transversais. Percebemos que a proposta é bastante pertinente no trato com os estudos de gênero na medida em que propõe ações em uma perspectiva transdisciplinar que vai desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (ARAÚJO; CAMARGO, 2012). Por isso, torna-se necessário lançar novos olhares sobre a prática pedagógica, com foco na disciplina de literatura (objeto de estudo), desconstruindo as formas tradicionais de ensino.

Para Louro, “as desigualdades só poderão ser percebidas – e desestabilizadas e subvertidas – na medida em que estivermos atentos/as para suas formas de produção e reprodução” (LOURO, 2012, p.125). E ainda alerta que as transformações devem ocorrer a partir das próprias experiências e da observação das práticas cotidianas para então começar a agir. É preciso desconstruir o que já está posto num constante processo de inquietar-se, questionar os modelos vigentes, as hierarquias de gênero, perturbar as certezas e estar preparado/a para a crítica e auto-crítica.

Sendo assim, ainda de acordo com Louro, se quisermos contribuir com as práticas educativas não-sexistas, torna-se necessário trabalhar coletivamente na construção de redes de aliança entre vários sujeitos envolvidos, tanto dentro da escola como fora dela.

Considerações finais

Esta reflexão nos leva a inferir que o ensino da literatura deve abrir espaço para a heterogeneidade das relações e vivências, como também considerar a formação do/a professor/a nesse processo de releituras das obras literárias sem que antes ele possa partir de



um olhar crítico às formas tradicionais da educação, especialmente no que tange às desigualdades entre os gêneros e práticas sexistas dentro da escola. É importante que o/a educador/a, ao abordar temas contidos no enredo de um livro, trace diálogos com as diversas vozes ali presentes, de diferentes sujeitos, cada um com a sua realidade que é comum a muitos, mas não é a única.

Diante deste contexto, urge pensar práticas educativas alternativas que vislumbrem a igualdade de oportunidades na educação formal capazes de fornecer caminhos possíveis para a busca da autonomia da mulher. Esse é um dos objetivos deste trabalho, embora não pretendemos esgotar aqui as várias possibilidades que vão em direção à emancipação feminina, apenas contemplar como a literatura pode auxiliar nesse processo, e em especial, a obra amadiana.

Referências:

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela:** crônica de uma cidade do interior. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARÁN, Márcia. **Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea.** Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 360, jul-dez/2003. p.399-422.

ARAÚJO, Rubenilson Pereira de; CAMARGO, Flávio Pereira. **Gênero e diversidade sexual no currículo escolar:** uma abordagem inter e transdisciplinar no ensino e na formação de professores. Entreletras, Araguaína/TO, v. 3, n. 1, p.104-123, jan./jul. 2012.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. **Representações do feminino.** In: GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). A literatura de Jorge Amado:orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).p.26-39

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** temas transversais para o Ensino Fundamental. Brasília/Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEF, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 23.ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer(Org.). **A literatura de Jorge Amado:**orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 114-145

PATRICIO, Rosana Ribeiro. **Imagens de mulher em Gabriela de Jorge Amado.** Salvador: FCJA, 1999.